Três pessoas podem guardar um segredo,
se duas delas estiverem mortas.

Benjamin Franklin

PARTE UM

UM

A morte não me fica bem. Visto-a como se fosse um casaco emprestado, escorrega-me dos ombros e arrasta-se pelo chão. Fica-me mesmo mal. E é desconfortável.

Quero afastá-la com um encolher de ombros, metê-la no armário da cozinha e voltar a vestir a minha roupa feita à medida. Eu não queria abandonar a minha antiga vida, mas tenho esperança na próxima — esperança de que possa vir a ser uma pessoa linda e entusiasmante. Por agora, estou presa.

Entre vidas.

No limbo.

Dizem que as despedidas rápidas são mais fáceis. Menos dolorosas. Está errado. Qualquer dor que se poupe ao longo adeus de uma doença prolongada é ofuscada pelo horror de uma vida roubada sem aviso. Uma vida tirada violentamente. No dia da minha morte andei na corda bamba entre dois mundos, a rede de segurança por debaixo de mim estava feita um farrapo. Por um lado, segurança; pelo outro, perigo.

Dei um passo.

Morri.

Costumávamos brincar acerca da morte — éramos novos, cheios de vitalidade, a morte parecia-nos uma coisa que só acontecia aos outros.

— Quem é que achas que vai primeiro? — perguntaste tu numa noite em que o vinho se tinha acabado, enquanto estávamos deitados ao pé do aquecedor no meu apartamento alugado de Balham. Uma mão indolente afagando as minhas coxas suavizou as tuas palavras. Fui rápida a responder:

— Tu, claro.

Tinhas-me atirado uma almofada à cabeça.

Estávamos juntos havia um mês, desfrutando dos nossos corpos, falando do futuro como se ele não nos pertencesse. Sem compromissos nem promessas — só possibilidades.

— As mulheres vivem mais tempo. — Pus um sorriso. — É um facto constatado. Genético. É a sobrevivência dos mais aptos. Os homens não se aguentam sozinhos.

Ficaste sério. Agarraste-me a cara com a tua mão e fizeste-me olhar para ti. Os teus olhos estavam negros na penumbra, o fogo da lenha a arder refletia-se nas tuas pupilas. — É verdade.

Inclinei-me para te beijar, mas os teus dedos imobilizaram-me, seguraram o meu queixo enquanto o polegar fazia pressão no osso.

— Se alguma coisa te acontecesse, eu sei o que faria.

Senti um arrepio repentino, apesar do calor intenso que vinha da lareira. Pegadas em cima da minha sepultura.

— Deixa isso.

— Eu também morria — insististe tu.

Pus um fim ao teu dramatismo juvenil, consegui desviar a tua mão para o lado enquanto libertava o queixo. Continuei com os meus dedos enlaçados nos teus para a rejeição não magoar demais. Beijei-te, primeiro, suavemente, depois, com mais força, até ficares deitado de costas comigo em cima de ti, com o meu cabelo como uma cortina sobre as nossas caras.

Tu morrerias por mim. A nossa relação era jovem, uma fagulha que tão facilmente se podia extinguir como transformar-se numa paixão. Mas eu não podia ter sabido que tu deixarias de me amar, ou eu a ti. Sentia-me inevitavelmente adulada pela profundidade dos teus sentimentos, pela intensidade nos teus olhos.

Tu morrerias por mim e, nesse momento, eu pensei que também poderia morrer por ti. Só que nunca pensei que nenhum dos dois tivesse de o fazer.

DOIS

ANNA

Ella tem oito semanas de idade. Os olhos estão fechados, as longas e escuras pestanas escovam as bochechinhas ao ritmo de um sobe e desce sincronizado com os seus lábios a sugarem o alimento. Como uma estrela do mar, espalma a minúscula mãozinha contra o meu seio. Estou sentada, pregada ao sofá, e penso em todas as coisas que poderia estar a fazer enquanto ela come. A ler. A ver televisão. A fazer compras *online*.

Mas não hoje.

Hoje não é um dia para atos vulgares.

Olho profundamente para a minha filha e, uns instantes depois, erguem-se as suas pálpebras e fita-me com os seus olhos azul-escuros, tem um ar sério e confiante. As pupilas são piscinas profundas de amor incondicional; a minha imagem refletida surge minúscula, mas bem firme.

Ella mama lentamente. Olhamo-nos fixamente e eu penso que a maternidade é o segredo mais bem guardado: pois todos os livros, todos os filmes, todos os conselhos no mundo jamais poderão preparar alguém para este sentimento desmedido que é o de nos tornarmos tudo para alguém tão minúsculo. Ou para essa pessoa se tornar absolutamente tudo para nós. Eu perpetuo o segredo, não o contando a ninguém, até porque a quem iria eu contar? Menos de uma década após deixar a escola, os meus amigos partilham as suas camas com os respetivos amados, não com bebés.

Ella continua a fitar-me, mas a pouco e pouco o foco do seu olhar vai desvanecendo, como a neblina da manhã a dissipar-se sorrateira sobre a paisagem. As pálpebras pestanejam uma vez, duas vezes, e tombam por fim, bem fechadas. O seu chuchar — inicialmente sempre tão frenético, cadenciado, depois, calmo — abranda até ser apenas intervalado por momentâneos segundos entre chupadelas. Agora, para. Adormece.

Alço a minha mão e pressiono suavemente o meu dedo indicador sobre o meu seio, quebrando o selo que se entrepõe entre o meu mamilo e os lábios de Ella, e reponho o sutiã de amamentação no lugar. A boca de Ella continua a mover-se durante mais alguns breves instantes, até o sono profundo tomar conta dela, os lábios imóveis desenham um «O» perfeito.

Devia tirá-la do colo. Tirar o máximo partido do tempo em que ela dorme. Irão ser dez minutos? Uma hora? Ainda estamos bem longe de algum tipo de rotina. *Rotina*. A palavra de ordem da jovem mãe; o único tema de conversa com que a enfermeira pediátrica me assedia nesses encontros matinais de aconselhamento pós-natal. *Ela já está a dormir bem? Deve tentar o método do controlo do choro. Leu o livro da Gina Ford?*

Aquiesço, sorrio e respondo *vou ler*, depois gravito em direção a uma das outras jovens mães. Alguém diferente. Alguém menos rígido. A rotina é algo que não me preocupa. Não quero deixar a Ella a chorar, enquanto eu fico no andar de baixo a postar no Facebook tudo o que posso a propósito do meu «pesadelo parental».

Dói chorar por uma mãe que não responde. Ella não precisa de saber já o que isso é.

Começa a remexer-se no seu sono e aumenta aquele nó constante na minha garganta. Acorda, Ella é a minha filha. Quando os amigos me fazem reparar nas suas semelhanças comigo, ou como se parece com o Mark, nunca consigo ver nada. Olho para a Ella e simplesmente vejo a Ella. Mas adormecida… Assim adormecida, vejo nela a minha mãe. Tem um rosto em forma de coração, escondido por debaixo daquelas bochechinhas de bebé e o redemoinho no seu cabelo é tão parecido, que já sei como, daqui a alguns anos, a minha filha vai passar horas em frente de um espelho, a tentar domar aquele minúsculo bocado que cresce de forma diferente do resto do cabelo.

Será que os bebés sonham? O que poderão eles sonhar com tão pouca experiência do mundo? Invejo o sono da Ella, não só porque me sinto cansada como nunca imaginei poder vir algum dia a sentir antes de ter um bebé, mas também porque quando o sono chega, vem sempre escoltado pelos pesadelos. Os sonhos mostram-me aquilo que não me é possível conhecer. Conjeturas vindas dos relatórios policiais e da declaração do investigador forense. Vejo os rostos dos meus pais inchados e desfigurados pela água. Vejo o medo nos rostos deles enquanto caem penhasco abaixo. Oiço-lhes os gritos.

Por vezes, o meu subconsciente até é simpático comigo. Nem sempre vejo os meus pais a cair; às vezes vejo-os a voar. Vejo-os a caminhar em direção ao vazio, e a abrir os braços, e a mergulharem a baixa altitude sobre um mar azul que lhes lança salpicos para cima dos seus sorridentes rostos. Então, acordo suavemente, um sorriso permanece na minha face, até abrir os olhos e perceber que tudo está exatamente igual ao que era antes de os fechar.

Há dezanove meses, o meu pai pegou num carro — o mais novo e o mais caro — do parque do seu próprio *stand*. Conduziu-o durante dez minutos desde Eastbourne até Beachy Head, aí estacionou o carro no parque, deixou a porta destrancada e caminhou em direção ao cimo do penhasco.

Ao longo do caminho foi apanhando pedras que servissem como pesos e o tornassem mais pesado. Depois, quando a maré estava completamente cheia, atirou-se para o fundo do penhasco.

Sete meses mais tarde, consumida pelo desgosto, a minha mãe seguiu-lhe as pisadas, com um rigor tão devastador que o jornal local relatou o facto como um «suicídio de imitação».

Conheço todos estes factos, pois em duas diferentes ocasiões, tive de ouvir o investigador forense a fazer toda a reconstituição, passo a passo. Sentava-me com o tio Billy e ouvíamos todo o relato, amável e doloroso, das duas tentativas de resgate falhadas. Sem conseguir desviar o olhar do meu colo enquanto os peritos apresentavam as suas opiniões sobre as marés, as taxas de sobrevivência e as estatísticas de mortes. E eu fechava os olhos, ao mesmo tempo que o investigador forense proferia o veredito de suicídio.

Os meus pais morreram com sete meses de intervalo, mas as suas mortes estavam de tal forma ligadas, que as investigações ficaram resolvidas em menos de uma semana. Aprendi imensas coisas nesses dois dias, menos a única coisa que me importava. A razão por que o fizeram.

Se de facto o *fizeram*.

Os factos são incontestáveis. Exceto que os meus pais não se queriam suicidar. Não estavam deprimidos, ansiosos, amedrontados. Eram as últimas pessoas de quem se podia esperar que desistissem da vida.«A doença mental nem sempre é evidente» dizia o Mark, quando eu o questionava, a sua voz nunca mostrava qualquer sinal de impaciência por a conversa voltar, uma vez mais, ao mesmo assunto. «Até os mais capazes, os mais otimistas podem ter depressão».

Ao longo deste último ano, aprendi a guardar as teorias para mim própria, a não dar voz ao cinismo que repousa sob a superfície do meu desgosto. Mais ninguém tem dúvidas. Mais ninguém sente estranheza.

Contudo, provavelmente, mais ninguém conhecia os meus pais tão bem quanto eu.

O telefone toca. Deixo que passe para o atendedor de chamadas, mas não deixam mensagem. De imediato, sinto o vibrar do meu telemóvel no bolso e percebo, mesmo antes de olhar, que é uma chamada do Mark.

— Deves estar a aproveitar o sono da bebé?

Como é que adivinhaste?

— Como é que ela está?

— A comer de meia em meia hora. Estou sempre a tentar ver se começo a fazer o jantar e nunca consigo.

— Deixa, eu posso fazer quando chegar a casa. Como estás tu? — Há uma ligeira e subtil mudança no seu tom de voz que mais ninguém conseguiria reparar. Um subtexto. Como te estás a sentir *hoje*, *sobretudo hoje?*

— Estou bem.

— Eu posso ir para casa…

— A sério, estou bem.

O Mark detestaria ter de largar o curso a meio. Coleciona qualificações da mesma forma que outros colecionam bases para copos de marcas de cerveja ou moedas estrangeiras. São já tantas as palavras que não consegue

que caibam todas depois do nome. Todos os meses tem de imprimir novos cartões de visita, e os títulos menos importantes caem nas profundezas do esquecimento. O curso de hoje intitula-se O Valor da Empatia na Relação Cliente-Terapeuta. É curso de que não precisa; a sua empatia ficou bem patente no momento em que lhe entrei pela porta dentro. Deixou-me chorar. Empurrou uma caixa de lenços de papel na minha direção e disse-me para estar à vontade. Que começasse quando estivesse pronta, mas nunca antes. Quando parei de chorar, ainda sem conseguir encontrar as palavras, falou-me dos vários estágios da dor causada por uma perda — a negação, a raiva, a negociação, a depressão, a aceitação — foi quando percebi que ainda não tinha passado do primeiro estágio.

Íamos na quarta sessão quando o Mark soltou um profundo suspiro e disse-me que não me podia tratar mais. Eu perguntei-lhe se o problema era eu, mas ele respondeu-me que existia um conflito de interesses e que isso era terrivelmente não profissional, mas se eu, por acaso, não aceitaria ir jantar com ele um dia desses.

Ele era mais velho do que eu — mais perto da idade da minha mãe do que da minha — com uma confiança que contrastava com os nervos que hoje percebo estarem afinal mais à flor da pele.

Não hesitei. «Adoraria.»

Mais tarde, acabou por me confessar que se sentia mais culpado por interromper a minha terapia, do que por causa da ética, por marcar um encontro romântico com uma paciente. *Antiga* paciente, fiz-lho notar.

Ele continua a sentir-se pouco à vontade com essa situação. As pessoas conhecem-se em todo o tipo de lugares, estou sempre a lembrar-lho. Os meus pais conheceram-se num *nightclub* em Londres; os pais dele na secção dos congelados do Marks & Spencer. E eu e ele conhecemo-nos num apartamento de um sétimo andar em Putney, num consultório com cadeiras em cabedal, mantas de lã macia e uma tabuleta na porta que dizia «Mark Hemmings», terapeuta. Apenas por marcação.

— Se tens a certeza. Dá um beijo meu à bela Ella.

— *Tchau*. — Desliguei primeiro, mas sei muito bem que ainda tem o telefone pegado aos lábios, tal como sempre faz quando fica em pensamentos profundos. Deve ter saído da sala para fazer a chamada, para ir buscar um café ou consultar a *internet*, ou seja lá o que trinta terapeutas fazem quando se libertam da sala de aula. Dentro de momentos ir-se-á juntar de novo aos outros e, durante as poucas horas que se seguem, afastará de mim o seu pensamento, enquanto trabalha na demonstração de empatia a partir de um problema inventado. A fingir ansiedade. Uma dor ficcional.

Ele gostava de poder trabalhar na minha. Eu não o deixo. Deixei de consultar um terapeuta quando percebi que, mesmo com toda a conversa do mundo, não iria trazer os meus pais de volta. Chega-se a um ponto em que a dor que se sente cá dentro passa a ser simplesmente tristeza. E para isso não existe cura.

A perda é algo complicado. Vai e vem e é tão multifacetada que, para a entender com precisão, fica-se com uma grande dor de cabeça. Posso passar dias sem chorar, para subitamente, tempos depois, mal conseguir respirar, tantos são os soluços que assolam o meu corpo. Num minuto, estou a rir à gargalhada com o tio Billy a propósito de qualquer coisa parva que o meu pai disse, para no minuto seguinte me encher de raiva perante o seu egoísmo. Se o meu pai se queria matar, a minha mãe não tinha de o ter feito também.

A raiva é a pior parte de tudo isto. A fúria ardente e a culpa que inevitavelmente se segue.

Porque é que o fizeram?

Já recuei um milhão de vezes até a uma série de dias anteriores à morte do meu pai, quando me questionei se teria sido possível ter-se feito alguma coisa para prevenir aquele desfecho.

O teu pai está desaparecido.

Franzi o sobrolho ao ver aquela mensagem no telefone, à procura do significado da frase. Vivia com os meus pais, mas tinha saído na véspera para uma conferência em Oxford e estava a conversar e a tomar um café pela manhã com uma colega de Londres. Tive de lhe pedir desculpa para ir telefonar à minha mãe. O que queres dizer com isso, desaparecido?

A minha mãe não dizia coisa com coisa. As palavas saiam-lhe lentamente, como se as estivesse a arrancar do fundo. Tinham tido uma discussão na noite anterior. O pai tinha abalado furioso para o *pub*. Até aí tudo normal. Há muito que aceitara a tempestiva relação dos meus pais; as rajadas de vento que tão depressa chegavam, como logo partiam com um simples sopro. Só que daquela vez o pai não tinha voltado para casa.

— Pensei que tivesse ido dormir a casa do Bill — disse ela — mas cheguei agora ao trabalho e o Bill diz que não o viu. Estou de cabeça perdida, Anna!

Vim-me logo embora da conferência. Não porque estivesse preocupada com o meu pai, mas sim porque estava preocupada com a minha mãe. Eles tinham muito cuidado em manter as razões das suas discussões longe de mim, mas eu apanhava com o rescaldo demasiadas vezes. O pai desaparecia para o trabalho, ou para o campo de golfe, ou para o *pub*. A minha mãe escondia-se em casa, a fingir que não tinha estado a chorar.

Quando cheguei a casa tudo havia já terminado. A polícia na cozinha, com os chapéus nas mãos. A minha mãe a tremer com uma tal violência, que tiveram de chamar os paramédicos para a tratar do choque. O tio Billy, branco com o desgosto. A Laura, a afilhada da minha mãe, a fazer chá e a esquecer-se de juntar o leite. Nenhum de nós dava conta de nada.

Li a mensagem que o meu pai tinha enviado.

Não consigo continuar a fazer isto. O mundo será um lugar melhor sem mim.

— O seu pai pegou num carro do trabalho. — O polícia tinha praticamente a idade do meu pai, perguntei-me se teria filhos. Se o davam como garantido. — As câmaras mostram-no a dirigir-se para Beachy Head esta noite, bem tarde. — A minha mãe soltou um gemido abafado. Vi Laura a deslocar-se para a confortar, mas eu não conseguia fazer o mesmo. Estava petrificada. Não queria ouvir, mas, ainda assim, era obrigada a ouvir.

— Os agentes responderam a uma chamada por volta das dez horas desta manhã. — O agente Pickett olhava fixamente para os seus apontamentos. Desconfiei que o fizesse por ser mais fácil isso do que ter de olhar para nós. — Uma mulher relatou ter visto um homem a encher uma mochila de pedras e a colocar a carteira e o telemóvel no chão, antes de se dirigir para a ponta do penhasco.

— E ela não o tentou impedir? — não queria ter gritado, o tio Billy colocou-me a mão no ombro. Sacudi-a. Virei-me para os restantes. — Ela limitou-se a vê-lo saltar?

— Tudo aconteceu muito depressa. A pessoa que ligou, como devem imaginar, estava muito perturbada. — O agente Pickett deu-se conta da péssima saída, demasiado tarde para conseguir engolir aquelas palavras.

— Ela estava perturbada, estava? Como é que ela pensa que o meu pai se estava a sentir? — eu rodopiava, à procura de apoio nos rostos à minha volta, por fim fixei o olhar no do agente da polícia. — Não lhe perguntou isso?

— Anna. — Laura chamou-me suavemente.

— Como sabe que não foi ela que o empurrou?

— Anna, isto não está a ajudar ninguém.

Estava prestes a responder-lhe quando olhei para a minha mãe, encostada a Laura, soluçando baixinho. A ira abandonou-me. Eu estava a sofrer, mas a minha mãe sofria ainda mais. Atravessei o quarto e ajoelhei-me junto dela, procurei a sua mão enquanto sentia as lágrimas molharem-me as maçãs do rosto, sem sequer me ter dado conta de que tinham abandonado os meus olhos. Os meus pais estavam juntos há vinte e seis anos. Viviam juntos — e trabalhavam juntos — e apesar de todos os altos e baixos, amavam-se.

— A descrição coincide com a do Sr. Johnson. — O agente Picket pigarreou. — Chegámos ao local em poucos minutos. O carro foi retirado do parque de estacionamento de Beachy Head e junto da beira do penhasco encontrámos… — calou-se, apontando para um saco de plástico transparente que se apresentava como prova no meio da mesa da cozinha, dentro do qual eu pude ver o telemóvel do meu pai e a sua carteira de cabedal castanho. Subitamente, veio-me à mente a brincadeira que o tio Billy costumava contar sobre as traças nos bolsos do casaco do meu pai e, por um instante, cheguei a pensar que ia desatar à gargalhada. Em vez disso, chorei e não consegui parar durante três dias.

O meu braço direito, esmagado debaixo da Ella, ficou dormente. Deslizo-o para fora e estico os meus dedos, sentindo o formigueiro do sangue a vol-

tar às extremidades. Subitamente inquieta, desembaraço-me rapidamente, saindo de baixo do corpo adormecido da Ella, com a destreza de um fuzileiro da marinha, adquirida a partir do mais recente treino que só a maternidade proporciona, e barrico-a no sofá com almofadas. Levanto-me, esticando a rigidez por estar tanto tempo sentada.

O meu pai nunca sofreu de depressão ou de ansiedade.

— Ter-te-ia dito, se por acaso sofresse? — perguntou Laura. Estávamos sentadas na cozinha — a Laura, a minha mãe e eu. A polícia, os vizinhos, todos tinham ido embora, deixando-nos sentadas apáticas na cozinha com uma garrafa de fel na nossa boca. A questão da Laura era relevante, mesmo que eu não o quisesse reconhecer. O meu pai vinha de uma longa linha de homens que acreditavam que falar dos seus «sentimentos» significa que se é um «maricas».

Fossem quais fossem as razões, o suicídio dele fora algo inesperado, e fez-nos mergulhar a todas numa dor profunda.

Tanto o Mark como o seu substituto, assim que o arranjámos, encorajaram-me a trabalhar a raiva que sentia em relação à morte do meu pai. No meu pensamento estavam cravadas as nove palavras articuladas pelo investigador forense.

Embora não estando em posse das suas faculdades mentais.

Aquelas palavras ajudaram-me a separar o homem do ato; ajudaram-me a perceber que o suicídio do meu pai não procurava ferir as pessoas que ele deixava. Em vez disso, o texto da sua mensagem de despedida sugeria que ele acreditava piamente que poderíamos todos ser mais felizes sem ele. Nada poderia estar mais longe da verdade.

Mais difícil do que aceitar o facto de que o meu pai se tinha suicidado foi entender o que aconteceu depois. Tentar compreender o porquê — pois após experienciar em primeira mão a dor da perda provocada pelo suicídio de alguém; de me ter visto chorar pelo meu querido pai — por que motivo a minha mãe, em plena consciência, me fazia passar novamente por isso.

O sangue zumbe nos meus ouvidos como uma vespa encurralada contra um vidro. Vou até à cozinha e bebo um copo de água, depressa, depois pressiono as minhas mãos contra o granito da bancada da cozinha e inclino-me sobre o lava-loiça. Oiço a minha mãe a cantar enquanto lava a loiça, a ralhar com o meu pai para que *limpe o que suja uma vez na vida*. Nuvens de farinha sempre que eu fazia bolos toscos com a pesada tigela de cerâmica. As mãos dela à volta das minhas — a moldar bolachas, a fazer a massa. E mais tarde, quando voltei a morar lá em casa, a fazer turnos para nos encostarmos ao forno, enquanto a outra fazia o jantar. O pai no escritório ou a ver televisão na sala. Nós, as mulheres, na cozinha — de livre vontade, não por obrigação. Na conversa, enquanto cozinhávamos.

É neste espaço que mais me sinto próxima da minha mãe. É neste espaço que a dor é mais forte.

Faz hoje um ano.

Viúvo inconsolável chora profundamente a morte da esposa, lê-se no jornal *Gazette*. *Capelão pede silêncio dos media relativamente ao problema do suicídio*, pode ler-se no título inconscientemente irónico do *Guardian*.

— Tu sabias muito bem — murmuro, sentindo plena consciência de que falar em voz alta não é ação de uma mente sã, contudo, era incapaz de me conter por um instante mais que fosse. — Tu sabias o quanto dói, e, mesmo assim, foste cometê-lo.

Devia ter dado ouvidos ao Mark e ter planeado qualquer coisa para hoje. Uma distração. Podia ter ligado à Laura. Ido almoçar. Ir às compras. Qualquer coisa que não envolvesse andar a chorar pelos cantos, a repisar o passado, obcecada com o aniversário da morte da minha mãe. Não existe qualquer razão lógica que justifique que o dia de hoje seja mais doloroso que o de ontem; amanhã também continuará morta.

E, no entanto…

Solto um longo suspiro e tento desviar os meus pensamentos para algo mais alegre. Coloco o meu copo no lava-loiça e emito bem alto um som de reprovação com a língua, como se o facto de me repreender de forma bem audível fizesse alguma diferença. Vou levar a Ella ao parque. Podemos dar um longo passeio para matar o tempo e, no regresso, arranjamos qualquer coisa para o jantar e, antes que me dê conta, já o Mark estará em casa e o dia de hoje chegará praticamente ao fim. Esta súbita determinação é um truque bastante familiar, mas funciona. A dor no meu peito atenua e a pressão na fronte desaparece.

Nunca pares de fingir até que se torne verdade, é o que a Laura sempre diz. *Vista-se sempre para a profissão que quer,* não para *a que já tem* é outro dos seus aforismos preferidos. Ela refere-se ao trabalho (é preciso ouvir com muita atenção para perceber que a sua forma fleumática de falar é aprendida e não herdada) mas o princípio é o mesmo. Se fingirmos que estamos bem, vamo-nos sentir bem. Em pouco tempo, sentimo-nos mesmo bem.

Ainda estou a trabalhar nesta última parte.

Oiço os guinchinhos que denotam o despertar de Ella. Estou a meio caminho, no corredor, quando vejo qualquer coisa a aparecer na caixa do correio. Deve ter sido entregue por mão própria, ou ficou presa na caixa quando o carteiro andou a fazer a distribuição. De qualquer forma, não a vi quando apanhei a correspondência do tapete da entrada esta manhã.

É um cartão. Recebi outros dois esta manhã — ambos de colegas de escola que lidam melhor à distância com o luto — e fico tocada pelo número de pessoas que apontam este tipo de datas. No aniversário do suicídio do meu pai alguém deixou um tacho na entrada da porta com a nota mais sintética que já vi.

Congela ou aquece. A pensar em ti.

Também não sei quem foi. Muitos dos cartões de condolências que chegaram após a morte dos meus pais traziam histórias dos carros que eles lhes tinham vendido ao longo dos anos. Das chaves que foram entregues

a adolescentes a transbordar de confiança ao lado de pais super ansiosos. Carros desportivos de dois lugares vendidos para imobiliárias conhecidas. Carros para celebrar promoções, grandes aniversários, reformas. Os meus pais tiveram um papel importante em muitas e diferentes histórias de vida.

A morada está impressa num autocolante, o carimbo postal é um borrão de tinta no canto superior direito. É um postal grosso e caro. Tenho de o fazer sair do envelope.

Olho fixamente para a imagem.

Cores brilhantes bailam por toda a página: um debruado de rosas em cor-de-rosa choque com caules entrelaçados e folhas verdes brilhantes. Ao centro, dois copos de champanhe a brindarem. A mensagem de saudação vem estampada em relevo e coberta com purpurina.

Feliz Aniversário!

Encolho-me como se tivesse recebido um soco. Será algum tipo de brincadeira de mau gosto? Um engano? Algum conhecido que sofre de miopia, ainda que bem-intencionado, que se enganou a escolher o postal? Desdobro o postal.

A mensagem foi impressa. Cortada de um papel barato e colada ao interior.

Não há qualquer engano.

As minhas mãos tremem, fazendo com que as palavras balancem em frente dos meus olhos. A vespa zumbe bem alto dentro dos meus ouvidos. Volto a lê-lo.

```
Suicídio? Pensa melhor.
```

TRÊS

Não era o caminho que eu queria seguir. Não era o caminho que eu sempre pensei que ia seguir.

Se eu imaginasse a minha morte visualizaria um quarto ensombrecido. O nosso quarto... Almofadas macias para apoiar as costas, um copo com água encostado aos lábios uma vez que as minhas mãos tinham ficado demasiado fracas para o segurar. Morfina para controlar a dor. As visitas, em bicos de pés, numa fila única, dizendo os seus adeuses. Tu, com os olhos vermelhos inchados, mas com um ar estoico, absorvendo as suas amáveis palavras. E eu, pouco a pouco mais a dormir do que acordada, até ao dia em que não ia acordar de todo. Eu costumava brincar, dizendo que na minha próxima vida gostava de ser um cão. Acontece que tu não tens muita escolha.

Tomas o que te dão, seja ou não conveniente para ti. Uma mulher parecida contigo. Mais velha, mais feia. É isso ou nada.

Sinto-me estranha sem ti. Vinte e seis anos, estivemos juntos. E casados quase durante o mesmo tempo. Para o melhor e para o pior. Tu com um fato, eu com um vestido de linha império pinçado com o propósito de esconder uma protuberância de cinco meses. Juntos numa nova vida. E agora sou só eu. Sozinha. Assustada. Sem intensidade, nas sombras de uma vida que outrora eu vivera plenamente.

Nada resultou da maneira que eu tinha pensado que resultasse.

E agora isto.

Suicídio? Pensa melhor.

A mensagem não está assinada. A Anna não vai saber quem a mandou.

Mas eu sei. Passei o último ano à espera de que isto acontecesse, enganando-me a mim mesma com a ideia de que o silêncio significava segurança.

Não significa.

Eu consigo ver esperança na cara da Anna. A promessa de respostas para as perguntas que a fazem ficar acordada à noite. Conheço a nossa filha. Ela nunca acreditaria que tu e eu saltássemos daquele penhasco por nossa livre vontade. Tinha razão.

E agora também eu vejo, com uma clareza dolorosa, o que vai acontecer a seguir. A Anna irá à Polícia. Vai exigir uma investigação. Vai lutar pela verdade sem saber que a verdade só esconde mais mentiras. Mais perigo.

Suicídio? Pensa melhor.

O que não sabes não te pode magoar. Tenho de impedir a Anna de ir à polícia. Tenho de a impedir de descobrir a verdade sobre o que aconteceu antes que se magoe. Pensava que tinha visto o fim da minha vida antiga no dia em que conduzi o carro na direção de Beachy Head, mas acho que estava errada.

Tenho de acabar com isto.

Tenho de dar o braço a torcer.

QUATRO

ANNA

Ligo ao Mark. Deixo uma mensagem a propósito do postal, mas faz tão pouco sentido que tenho de parar, respirar fundo, e então recomeçar a explicar.

— Liga-me assim que ouvires a mensagem — termino.

Suicídio? Pensa melhor.

O significado é óbvio.

A minha mãe foi assassinada.

Ainda tenho os pelos do pescoço arrepiados, e viro-me lentamente para as escadas atrás de mim, as portas envidraçadas encontram-se abertas de par em par. Não há ninguém. Claro que não há ninguém. Mas o postal na minha mão deixou-me tão nervosa e com a certeza de que alguém entrou dentro de casa e colocou aquele postal diretamente na minha mão. Já não sinto que esteja só eu e a Ella, as duas sozinhas, em casa.

Volto a enfiar o postal no envelope. Preciso de sair daqui.

— *Rita!*

Ouve-se um barulho de tumulto na cozinha, seguido por uma raspadela de unhas nos ladrilhos. É a *Rita*, metade caniche, metade rafeira, apelando por regressar ao convívio. Tem umas farripas castanhas que lhe caem sobre os olhos e sobre a boca e, no verão, quando está tosquiada, as manchas brancas no lombo parecem mesmo neve. Lambe-me esfuziante.

Vamos sair.

Não preciso de dizer duas vezes, *Rita* desata numa corrida para a porta da frente, inclina a cabeça para o lado, fitando-me impaciente. O carrinho do bebé está no corredor, enfiado por debaixo do vão das escadas. Empurro o postal anónimo para o fundo do cesto das compras, como se, por não o conseguir ver, mudasse o facto de que lá se encontra. Pego em Ella no exato momento em que muda do contentamento para a birra.

Suicídio? Pense duas vezes.

Eu sabia. Sempre soube. Gostaria eu de ter a décima parte da força que a minha mãe tinha — uma confiança que ainda hoje ambiciono. Ela nunca desistiu. Ela nunca teria desistido de viver.

A Ella agarra-me, procurando de novo o meu peito, mas não há tempo. Não quero ficar em casa, nem mais um segundo.

— Vamos sair e apanhar ar fresco, sim?

Encontro o saco das fraldas na cozinha, verifico se tem o básico — as fraldas, os toalhetes, as fraldinhas de algodão — e atiro lá para dentro a carteira e as chaves do carro. Este é normalmente o momento em que Ella vai sujar a fralda ou começa a bolsar o leite e é necessário um conjunto inteiro de mudas de roupa. Cheiro-lhe, à cautela, o rabo e concluo que está tudo bem.

— Boa, vamos embora!

Existem três degraus em pedra que separam a porta de entrada da casa da área de cascalho do chão do quintal. Cada um dos degraus afunda-se ao centro, no lugar que ao longo dos anos foi sendo pisado por inúmeros passos. Quando eu era criança, saltava do degrau mais baixo, a minha confiança ia crescendo, ao mesmo tempo que eu — sempre acompanhada pelo «tem cuidado!» da minha mãe — até conseguir saltar do degrau mais alto e aterrar no metro quadrado do passeio da entrada, de braços abertos perante uma salva de palmas invisível.

Com a Ella num único braço, empurrei o carrinho pelas escadas abaixo, antes de a colocar dentro e enfiar os cobertores bem à sua volta. A onda de frio não mostrava sinais de abrandar e o pavimento reluzia com o gelo. O cascalho produz um som estaladiço seco, à medida que o granizo se parte debaixo dos meus pés.

— Anna!

Rober Drake, o nosso vizinho, está do outro lado do gradeamento preto que separa a nossa casa da dele. Os terrenos são idênticos: casas de estilo senhorial de três pisos, com jardins traseiros compridos e passagens estreitas que unem o percurso desde a frente até às traseiras entre cada uma das casas. Os meus pais mudaram-se para Eastbourne em 1992, quando o meu inesperado aparecimento abreviou as suas vidas citadinas de Londres e os atirou para uma vida de casados. O meu falecido avô comprou a casa — a duas ruas de distância de onde o meu pai tinha crescido — em dinheiro («é a única forma de moeda a que as pessoas dão crédito, Annie») e, imagino, por um valor significativamente mais baixo do que o que o Robert pagou, quando comprou o terreno vizinho quinze anos mais tarde.

— Tenho estado a pensar em si — disse o Robert. — É hoje, não é? — lançou-me um sorriso solidário e inclinou a cabeça para um dos lados. O gesto fez-me lembrar a *Rita*, só que os olhos desta são meigos e de confiança e os do Robert…

— A sua mãe! — acrescentou ele, no caso de eu não o estar a entender. Nota-se um toque de impaciência na voz dele, como se eu me devesse mostrar mais grata pela sua compaixão.

O Robert é cirurgião e, apesar de nunca ter desenvolvido senão uma relação de cordialidade connosco, tem um olhar intenso, quase clínico que me faz sentir como se estivesse na sua mesa de operações. Vive sozinho,

falando apenas das sobrinhas e sobrinhos, que esporadicamente o visitam, com o desapego de um homem que nunca teve e que nunca quis ter os seus próprios filhos.

Enrolo a trela da *Rita* à volta da pega do carrinho do bebé.

— Sim é hoje. É simpático da sua parte ter-se lembrado.

— Os aniversários são sempre difíceis.

Não consigo ouvir mais nenhuma trivialidade.

— Vou só levar a Ella a dar um passeio.

O Robert parece contente com a mudança de assunto. Espreita pelas grades da vedação.

— Ela cresceu, não cresceu? — Há tantos cobertores à volta de Ella que não conseguiria de forma alguma vê-la, mas eu confirmo e digo-lhe em que percentil ela se encontra, o que provavelmente são pormenores a mais do que os que precisava de saber.

— Excelente! Muito bem. Bom, vou deixá-la ir à sua vida.

A entrada tinha a mesma extensão de largura da casa, mas apenas a profundidade suficiente para os carros entrarem. Os portões de ferro nunca se fecharam desde que me lembro, jaziam abertos contra a vedação. Despedi-me e empurrei o carrinho até à entrada e depois para o passeio. Atravessando a rua há um parque, um espaço que tem vindo a crescer com um tipo de plantação complicada e sinais para não pisar a relva. Os meus pais costumavam revezar-se para irem ali passear a *Rita* no fim da noite antes de se recolherem, e ela começa a puxar a trela, eu refreio-a e, ao invés, puxo-a em direção às casas. No final do alinhamento das casas senhoriais, viro à direita. Olho de relance para Oak View e ao fazê-lo percebo que Robert permanece no quintal junto do gradeamento. Ele desvia o olhar e vira-se, encaminhando-se de volta para casa.

Caminhamos ao longo da Avenida Chestnut, onde os brilhantes gradeamentos flanqueiam mais casas senhoriais de dupla fachada; os loureiros como sentinelas estão envoltos em luzinhas brancas cintilantes. Uma ou duas das enormes casas da avenida foi transformada em apartamentos, embora a maioria delas se mantenha intacta com as suas anchas portas despojadas de campainhas e de caixas de correio. As árvores de Natal estão posicionadas junto das janelas salientes e além, nas salas de tetos altos, entrevejo os reflexos da atividade doméstica. Na primeira, um adolescente esparramado num sofá; na segunda, crianças de tenra idade fazem corridas à volta da sala, inebriadas por uma excitação festiva. Na casa número seis, um casal de idosos lê cada um o seu respetivo jornal.

A porta da casa número oito está aberta. Uma mulher — de cerca de uns quarenta anos, acho eu — encontra-se de pé no *hall* de entrada, com uma mão suavemente apoiada na porta. Aceno-lhe um olá, mas embora erga a mão como cumprimento, o sorriso aberto vai direto para um trio que se embrenha numa moderada discussão, debatendo-se com uma árvore de Natal para a levar desde o carro até à casa.

— Cuidado, vais deixá-la cair!

— Um pouco para a esquerda. Cuidado com a porta!

Um ressoar de gargalhadas de uma adolescente; o sorriso amarelo do irmão desastrado.

— Tens de levantá-la por cima do gradeamento.

O pai a dirigir as operações. A atrapalhar e a meter-se no meio do caminho. Orgulhoso dos seus filhos.

Por um instante sinto uma dor tão forte que mal consigo respirar. Fecho os olhos com força. Sinto tantas saudades dos meus pais, em tantos diferentes momentos e de tantas diferentes maneiras, como nunca imaginei poder vir a sentir. Há dois natais poderia ter sido eu e o meu pai com a árvore. A mãe a fazer piadas e a troçar de nós à porta. Teria havido caixas de chocolates, demasiada bebida e suficiente comida para alimentar uma multidão. A Laura, a chegar com uma pilha de presentes se tivesse acabado de arranjar um emprego; ou notas de dívida e muitas desculpas, caso tivesse acabado de perder um. O pai e o tio Billy a discutirem sobre disparates, atirando uma moeda ao ar para resolver uma aposta. A mãe a ficar emocional e a colocar a música do *Driving Home for Christmas* no leitor de CD.

O Mark iria dizer que estou a olhar para o passado através de lentes cor-de-rosa, mas não posso ser a única que apenas quer relembrar os bons velhos tempos. E, cor-de-rosa ou não, a minha vida mudou para sempre quando os meus pais morreram.

Suicídio? Pensa melhor.

Suicídio não. Assassínio.

Alguém me roubou a vida que eu possuía antes. Alguém assassinou a minha mãe. E, se mataram a minha mãe, depreende-se que o meu pai também não se matou. Os meus pais foram assassinados.

Agarro a pega do carrinho da Ella com mais força, constrangida pela onda de remorso que me assalta devido à raiva que senti contra os meus pais durante estes meses todos, por terem escolhido o caminho mais fácil — por pensarem só neles e passarem por cima de todos os que deixavam para trás. Talvez estivesse enganada por os culpar. Talvez aquele ato de abandono não fosse escolha sua.

O *stand* de automóveis Johnson's Cars encontra-se na esquina da Victoria Road com a Main Street, um farol de luz no ponto em que as lojas e os cabeleireiros cedem o lugar a apartamentos e moradias nos arredores da cidade. As bandeirolas esvoaçantes de que me lembro na minha infância há muito que desapareceram e, só Deus sabe o que o meu avô teria feito com os *iPad* enfiados por debaixo dos braços dos vendedores, ou com o enorme ecrã verde onde desliza a promoção especial da semana.

Atravesso o átrio, navegando o carrinho da Ella por entre um reluzente *Mercedes* e um *Volvo* em segunda mão. As portas de vidro deslizam, abrindo-se silênciosamente quando nos aproximamos delas, um ar quente atrai-nos

para o interior. Música de Natal soa através de colunas de alta gama. Atrás da secretária, onde a minha mãe se costumava sentar, vê-se uma impressionante rapariga de pele cor de caramelo a combinar com as vistosas unhas acrílicas que batem no seu teclado. Sorri para mim e eu vislumbro o reflexo do brilho do diamante incrustado num dos seus dentes. Todo o seu estilo não poderia ser mais diferente do da minha mãe. Talvez por isso o tio Billy a tenha contratado; não deve ser fácil entrar aqui para trabalhar, dia após dia. Igual, mas não o mesmo. Tal como a minha casa. Tal como a minha vida.

Annie!

Sempre Annie, nunca Anna.

O tio Billy é irmão do meu pai e a completa definição do «solteirão inveterado». Tem uma mão-cheia de amigas, que se contentam com os jantares de sexta-feira à noite e, ocasionalmente, uma escapadela até Londres para ver um espetáculo, ou a noite de *poker* da praxe com os amigos na primeira quarta feira do mês.

De vez em quando, sugiro-lhe que a Bev, ou a Diane, ou a Shiley apareçam para um dia destes tomarmos um copo juntos. A resposta do Billy é sempre a mesma.

— Não me parece que possa, querida Annie.

As suas relações amorosas nunca se tornam em nada mais sério. Um jantar é sempre apenas isso, um jantar; uma bebida nunca mais do que isso. E, no entanto, ainda que reserve os melhores hotéis para as suas viagens a Londres e cubra de prendas a sua companhia eleita, passam-se sempre meses antes de a voltar a ver.

— Porque as manténs, a todas, a uma certa distância? — perguntei uma vez, depois de ter ouvido demasiadas vezes o que na nossa família é conhecido por Johnson Engatatão.

O Billy piscou-me o olho, mas o seu tom era sério. — Porque desta maneira ninguém se magoa.

Enrolei os meus braços à volta dele e inalei a familiar mistura de *aftershave* e tabaco, junto com qualquer coisa indefinível, mas que me faz querer enterrar a cara na sua camisola de lã. Ele cheira tal qual como o meu avô. Tal como o meu pai cheirava. Tal como todos os homens da família. Já só resta o Billy.

Afasto-me. Decido que tenho de me abrir.

— A mãe e o pai não cometeram suicídio.

Há uma expressão de resignação no rosto do tio Billy. Já passámos por isto antes.

— Oh, Annie…

Só que desta vez é diferente.

— Eles foram assassinados.

Ele olha-me sem nada dizer — os olhos ansiosos perscrutam o meu rosto — depois escolta-me até ao escritório, para longe dos clientes e instala-me na cadeira mais cara que tem estado ali desde sempre.

O barato sai caro, costumava dizer o pai.

Rita deixa-se cair no chão. Olho para os meus pés, relembro como se costumava pendurar na beira da cadeira e como, aos poucos, se esticava para chegar ao chão.

Cheguei a trabalhar aqui à experiência.

Tinha quinze anos. Fui animada a pensar em juntar-me ao negócio da família, até se tornar óbvio que para mim mesmo no deserto do Sahara era difícil vender água. Para o pai era algo natural. Como é que costumam dizer? Até vende gelo aos esquimós. Costumava ficar a vê-lo a estudar os clientes — candidatos, como lhes chamava. Usava o mesmo tipo de carro que eles conduziam, o mesmo tipo de roupa e via-o a escolher a abordagem mais adequada tal como escolheria um prato de uma ementa. Nunca deixava de ser ele próprio — sempre o mesmo Tom Johnson — a não ser o sotaque, quando resvalava um pouco mais para o norte ou para o sul, quando se declarava adepto fervoroso do Clube de Futebol de Watford, dos The Cure, de Labradores castanhos… Conseguia-se até determinar o exato momento em que se estabelecia a conexão; aquele exato segundo em que o cliente decidia que ele e o pai estavam na mesma sintonia. Que o Tom Johnson era um homem em quem se podia confiar.

Eu não conseguia fazer aquilo. Tentei imitar o meu pai, tentei trabalhar com a minha mãe à secretária, copiar a forma como ela sorria aos clientes e lhes perguntava pelos filhos, mas soava tudo falso, até a mim mesma.

— Acho que a nossa Annie não foi talhada para ser comercial — disse o Billy — sem querer ser indelicado — quando o meu período de experiência chegou ao fim. Ninguém discordou.

Que coisa engraçada esta, foi exatamente onde vim parar, ao setor das vendas. Afinal, é onde se acaba por ir ter, quando se faz trabalho de beneficência. Angariação de donativos mensais; apoiar crianças; legados e doações. Vender consciência limpa a quem tem os meios para ajudar. Tenho estado a trabalhar com a Associação de Apoio às Crianças desde que saí da faculdade e nunca tive uma sensação de vazio. O que acontece é que eu nunca senti nenhuma paixão pelo comércio de carros.

Billy traz vestido um fato azul-escuro de riscas finas, as meias e os suspensórios vermelhos dão-lhe um ar de Wall Street que eu bem sei que é totalmente propositado. O Billy não deixa nada ao acaso. Em qualquer outra pessoa, eu até poderia achar de mau gosto essa ostentação, mas o Billy veste-se bem — até o pormenor dos suspensórios esticados levemente sobre a barriga — com um toque de ironia que o torna adorável em vez de espalhafatoso. É apenas dois anos mais novo do que o meu pai, mas o cabelo não apresenta entradas nem sinais de queda, e qualquer cabelo branco que possa aparecer junto às têmporas é cuidadosamente retocado. O Billy orgulha-se tanto da sua aparência física como do aspeto cuidado da sua loja.

— Que história vem a ser essa, Annie? — Mostra-se amável, tanto como quando eu tropeçava ou tinha uma briga no recreio. — Está a ser um dia difícil? Também não tenho estado de bom humor hoje. Para ser honesto vou ficar contente quando tiver chegado ao fim. Os aniversários, hein?

Sempre cheios de memórias. — Por detrás de uma certa brusquidão sente-se uma vulnerabilidade que me faz jurar a mim mesma que vou passar a estar mais tempo com ele. Costumava vir à loja a toda a hora, mas desde que a mãe e o pai morreram tenho inventado desculpas, até para mim própria. Ou estou muito ocupada. Ou a Ella é muito pequenina, ou o tempo está muito mau… A verdade é que, dói-me muito estar ali. Só que isso não é justo.

— Vem jantar lá a casa amanhã à noite?

O Billy hesita.

— Por favor?

— Com certeza. Vai ser bom.

O vidro que separa o escritório do Billy da área do *stand* é fumado de um dos lados, do outro lado vejo o vendedor a apertar as mãos a um cliente. Olha de soslaio na direção do escritório na esperança de que o chefe o esteja a observar. O Billy lança-lhe um sinal de aprovação com a cabeça, uma nota mental arquivada para ser tida em conta na próxima avaliação. Observo-o, à procura do sinal; tentando ler a sua mente.

O negócio tem estado fraco. O pai era a força motriz e a sua morte bateu forte no tio Billy. Quando a mãe também se foi, houve um momento em que pensei que ele ia desabar.

Pouco tempo antes, tinha descoberto que a Ella vinha a caminho e desci até ao *stand* para visitar o tio Billy, apenas para tentar colocar ordem no caos. O escritório estava vazio e os copos de plástico espalhados pelas mesas de apoio da zona de espera. Os clientes vagueavam sem escolta por entre os carros no átrio. Na receção, Kevin — o mais recente vendedor com um intenso cabelo ruivo — pendurado na secretária, a namoriscar a rececionista, uma estagiária que começara na semana a seguir ao Natal.

— Mas onde é que ele está?

O Kevin encolheu os ombros.

— Ele hoje não veio.

— E não vos passou pela cabeça telefonarem-lhe?

No carro, no caminho para casa do Billy, ignorei o pânico crescente dentro do meu peito. Tinha tirado um dia de folga, era só isso. Não estava desaparecido. Ele não me ia fazer isso.

Toquei à campainha. Bati com força na porta. E quando estava já a vasculhar na minha mala pelo meu telemóvel, e os meus lábios já a formar as tão familiares palavras que ouvira no inquérito dos meus pais — *há o receio de uma ameaça à sua integridade física* — o Billy abriu a porta.

Raias vermelhas finas cobriam-lhe o branco dos olhos. Tinha a camisa aberta, o casaco do fato suficientemente amarrotado para perceber que tinha dormido com ele. Um bafo de álcool atingiu-me em cheio, e só esperava que fosse ainda da noite anterior.

— Quem é que está a tomar conta da loja, tio Billy?

O seu olhar passou por mim e fixou-se na rua, onde um casal de idosos caminhava lentamente pela calçada, arrastando um carrinho de compras.

— Não consigo. Não consigo lá estar.

Senti um rasgo de raiva. Será que ele não achava que a mim também me apetecia desistir?

Achava que era o único com dificuldade em aguentar?

Lá dentro, a casa estava uma confusão. Uma folha de película aderente gordurosa cobria o topo da mesinha de vidro da sala. Pratos sujos espalhados pela bancada da cozinha. Nada no frigorífico, a não ser meia garrafa de vinho branco. Não que fosse habitual encontrar refeições decentes em casa — o tio Billy considerava comer fora a primeira vantagem da vida de solteiro — mas não havia leite, nem pão. Nada.

Disfarcei o meu choque. Enfiei os pratos no lava-loiça, limpei as bancadas e apanhei toda a correspondência do chão do *hall* de entrada.

Ele lançou-me um sorriso cansado.

— És uma boa rapariga, Annie.

— Da tua roupa, tratas tu, não vou lavar as tuas cuecas. — A minha raiva passara. Não era culpa do tio Billy. Não era culpa de ninguém.

— Desculpa.

— Eu sei. — Dei-lhe um abraço. — Tu precisas de voltar ao trabalho, Billy. Eles não passam de miúdos.

— Para quê? Ontem apareceram seis clientes. Todos curiosos.

— Curiosos são apenas compradores que ainda não o sabem. — O aforismo preferido do meu pai deixou-me com um nó na garganta. O Billy apertou o meu braço.

— Ele tinha tanto orgulho em ti.

— Ele também tinha muito orgulho em ti. Orgulho por aquilo que vocês os dois conseguiram com o negócio. Fiz uma pausa. — Não o desiludas.

Pela hora de almoço, o Billy já estava de volta ao trabalho, pôs o Kevin a funcionar como se lhe tivessem enfiado um foguete no rabo e prometeu oferecer uma garrafa de champanhe ao primeiro vendedor que conseguisse fechar uma venda. Eu sabia que era preciso mais do que uma venda para levar a Johnson's Cars a reequilibrar-se, mas pelo menos o Billy estava de novo ao leme.

Fora o meu pai quem tinha instalado o vidro fumado, poucas semanas depois do avô se ter reformado, e o meu pai e o Billy mudaram-se então para o escritório, uma secretária posta em cada um dos lados da divisão.

— Mantem-nos espevitados.

— Mantem-te é a salvo de seres apanhado a fazer uma soneca, acho que é mais isso. A minha mãe conseguia sempre ler os pensamentos dos irmãos Johnson. Sempre conseguiu.

O Billy voltou a dar-me atenção.

— Pensava que esse teu homem fosse tirar o dia de folga hoje.

— Chama-se Mark, não *esse teu homem*. Gostava que lhe pudesses dar uma oportunidade.

— Vou dar. Assim que ele fizer de ti uma mulher honesta.

— Não estamos nos anos cinquenta, Billy.

— Foi bonito ter-te deixado sozinha, logo hoje.

— Ele ofereceu-se para ficar em casa. Eu disse-lhe que me sentia bem.

— Obviamente.

— Sentia. Antes disto chegar. — Procurei o postal no fundo do carrinho da Ella e entreguei-o ao Billy. Observei o seu rosto ao abrir a mensagem de parabéns, ao ver a mensagem cuidadosamente impressa colada lá dentro. Fez-se uma longa pausa, depois colocou de novo o postal no envelope. O maxilar contraiu-se.

— Sacanas de tarados. — E antes que o pudesse impedir, rasgou o postal ao meio e depois de novo em dois bocados.

— O que é que estás a fazer? — Levantei-me de um salto da cadeira e agarrei nos bocados rasgados do postal. — Precisamos de ir à polícia.

— À polícia?

— *Pensa melhor*. É uma mensagem. Estão a sugerir que a mãe foi empurrada. E quem sabe o pai também.

— Annie, querida, já passámos por isto uma centena de vezes. A sério, não me digas que estás a acreditar que os teus pais foram assassinados?

— Sim. — O meu lábio inferior estremece e aperto-o por um instante para retomar algum controlo. — Sim, acredito. Sempre pensei que havia qualquer coisa de errado. Nunca pensei que qualquer um deles fosse capaz de se suicidar, muito menos a mãe, quando percebeu o quanto a morte do pai nos afetou a todos. E agora…

— É gente que gosta de remexer na merda, Annie! Algum cabrão de merda que pensa que é giro andar a pescar nos obituários e atormentar as famílias enlutadas. Como esses cabrões que andam a ler anúncios de funerais para verem quando podem ir fazer assaltos. Provavelmente, enviaram uma dúzia de outros postais ao mesmo tempo. — Apesar de tudo, sei que é o remetente do postal quem o está a deixar alterado, é como se a sua raiva se estivesse a virar contra mim. Levanto-me.

— Então, mais uma razão para eu ir à polícia com isto. Assim, podem descobrir quem o enviou. — O meu tom é defensivo, porque de outra forma, rebento em lágrimas.

— Esta família nunca precisou de ir à polícia. Sempre resolvemos os nossos problemas.

— Problemas? — Não percebo por que motivo o Billy está a ser tão obtuso. Será que ele não vê que isto muda tudo? — Isto não é um problema, Billy. Não é uma discussãozita que se resolve nas traseiras do *pub*. Pode ser um homicídio. E a mim, importa-me saber o que aconteceu com a minha mãe, mesmo que a ti não te importe. — Demasiado tarde, falei demais. Billy vira-se e afasta-se, mas não sem antes me ter dado conta da mágoa no seu rosto. Por um momento, fico sem saber o que fazer, a olhar-lhe para as costas e a tentar pedir desculpa, mas as palavras não querem sair.

Empurro o carrinho da Ella para fora do escritório, deixando a porta aberta de par em par. Se o Billy não me quer ajudar, vou eu sozinha à polícia.

Alguém assassinou os meus pais e eu vou descobrir quem foi.

CINCO

MURRAY

Murray Mackenzie movia em movimentos circulares uma saqueta de chá no copo descartável.

— Leite? — Abriu o frigorífico e sorrateiramente cheirou três pacotes antes de encontrar um que pudesse oferecer em segurança a um cidadão em apuros. E Anna Johnson estava indubitavelmente em apuros. Ela tinha os olhos secos, mas as lágrimas estavam prestes a saltar. Ele não sabia lidar bem com lágrimas. Nunca sabia se ignorar ou reconhecer a sua existência, ou se hoje em dia seria politicamente correto oferecer um lenço impecavelmente engomado.

Murray ouviu um discreto sussurro que talvez pudesse vir a ser o precursor do choro. Politicamente correto ou não, se a Sra. Johnson não tivesse um lenço de papel à mão, ele teria de vir em seu socorro. Nunca usava lenços de pano, mas andava sempre com um, tal como o seu pai fazia sempre, especialmente nestas ocasiões. Murray apalpou o bolso, mas quando se voltou — com o copo descartável quase cheio numa das mãos — percebeu que aquela espécie de fungadela tinha vindo do bebé, não da Sra. Johnson.

O alívio de Murray durou pouco, pois Anna Johnson habilmente retirou o bebé do carro e colocou-o horizontalmente sobre o seu colo, levantou a blusa e começou a amamentá-lo. Murray sentiu-se ruborizar, o que o fez ficar ainda mais vermelho. Não que ele pusesse objeções às mulheres que amamentam, simplesmente nunca sabia para onde olhar enquanto o faziam. Uma vez chegou até a adotar o que ele pensou ser um sorriso encorajador dirigido a uma mãe no café por cima da Marks & Spencer, que apenas serviu para que ela lhe lançasse um olhar reprovador e se tapasse de imediato, como se ele fosse uma espécie de tarado.

Repousou o olhar algures por cima da pálpebra esquerda da Sra. Johnson, ao mesmo tempo que pousava reverentemente a chávena de chá, como se o estivesse a servir numa chávena de porcelana chinesa. — Não encontrei nenhuns biscoitos, peço desculpa.

— O chá chega lindamente, obrigada.

À medida que Murray ia envelhecendo, tornara-se cada vez menos hábil para julgar a idade das pessoas, qualquer pessoa que tivesse menos de quarenta anos parecia-lhe jovem, mas Anna, definitivamente, não teria ainda trinta.

Era uma mulher jovem e atraente, de cabelo castanho dourado ligeiramente ondulado que lhe tocava nos ombros sempre que movia a cabeça. A face estava pálida e apresentava os reflexos da recente maternidade, os quais, Murray tão bem se lembrava de ver na sua própria irmã quando os seus sobrinhos eram pequenos.

Estavam sentados num pequeno espaço por detrás da receção da esquadra de Lower Meads, onde tinha sido instalada uma pequena cozinha para ele e os colegas poderem fazer umas pausas para lanchar, ao mesmo tempo que controlavam quem entrasse pela porta que dava para o interior da esquadra. Não era suposto haver público daquele lado da receção, mas a esquadra estava sem movimento, e poder-se-iam passar horas até alguém aparecer para reportar um cão perdido ou um pedido de fiança. Murray já passava tempo suficiente sozinho com os seus pensamentos em casa, logo também não precisava de mais silêncio no trabalho.

Era raro ver alguém graduado acima de sargento a esta distância da sede, por isso Murray pôs de lado a prudência e convidou a Sra. Johnson a entrar para o seu santuário. Não é necessário ser-se detetive para perceber que noventa centímetros de bancada em melamina fazem com que uma testemunha se sinta mais relaxada. Nem assim a Sra. Johnson parecia sentir-se mais relaxada, tendo em conta o propósito da sua visita.

— Acho que a minha mãe foi assassinada. — Anunciara ela logo à chegada. Fitava Murray com um ar determinado, como se ele pudesse discordar. Murray sentiu uma descarga de adrenalina percorrer-lhe as veias. Um assassinato. Quem seria o inspetor de serviço nesse dia? Oh… O inspetor Robinson. Aquilo ia provocar uma grande chatice, ter de o reportar a um presunçoso daqueles, que mal buço tinha no lugar de bigode e pouco mais de cinco minutos de experiência nas suas funções. Foi então que a Anna Johnson explicou que a mãe tinha morrido há um ano e que, de facto, a morte já fora investigada por um investigador forense e declarada suicídio. Fora nesse momento que Murray tinha aberto a porta lateral do balcão da receção e convidara a Sra. Johnson a entrar. Desconfiava que aquilo ia demorar algum tempo. Uma cadelinha passou aos seus pés num trote rápido e obediente, perfeitamente inabalável ao ambiente em seu redor.

Naquele instante, Anna Johnson torceu-se estranhamente e inclinou-se um pouco para trás de si, retirando uma mão cheia de papéis de dentro do carrinho do bebé. Ao inclinar-se, a *T-shirt* subiu, deixando à mostra uns centímetros do seu ventre nu e Murray tossiu e fixou intensamente os olhos no chão, perguntando-se quanto tempo demoraria dar de mamar a um bebé.

— Hoje é o aniversário da morte da minha mãe. — Ela disse-o bem alto e com uma determinação tal, que Murray pensou ser uma estratégia para

controlar a emoção. O tom de voz era estranhamente frio e desapaixonado, contrastando com os olhos trémulos. — Isto veio hoje no correio. — Ofereceu um monte de papéis a Murray.

— Vou buscar umas luvas.

— Impressões digitais! Nem me passou… Será que destruí todas as provas?

— Primeiro vamos ver o que conseguimos, está bem Sra. Johnson?

— Por acaso, é menina. Mas pode chamar-me Anna.

— Anna. Vamos ver o que conseguimos encontrar. — Murray voltou para a sua cadeira e calçou as luvas, esticando bem o latex, num gesto tão familiar que a fazia sentir-se mais segura. Pousou um grande saco de plástico para provas sobre a mesa entre eles, e dispôs os pedaços de papel. Era um postal, grosseiramente rasgado em quatro pedaços.

— Não chegou assim nesse estado. O meu tio… — Anna hesitou. — Acho que ele ficou perturbado.

— Irmão da sua mãe?

— Pai. Chama-se Billy Johnson. Do Johnson's Cars na esquina da Main Street!

— O *stand* é do seu tio? — Murray tinha comprado o seu *Volvo* naquele lugar. Tentava-se lembrar do homem que lho vendera; assaltava-lhe a imagem de um sujeito vestido elegantemente, e o cabelo cuidadosamente penteado de forma a tapar a careca.

— Era do meu avô. O meu pai e o tio Billy aprenderam o negócio com ele, mas foram trabalhar para Londres. Foi aí que os meus pais se conheceram. Quando o meu avô ficou doente, o meu pai e o tio Billy voltaram para o ajudarem, e depois ficaram com o negócio quando ele se reformou.

— E agora o negócio pertence ao seu tio?

— Sim. Bem, e a mim, acho eu. Embora seja um pau de dois bicos.

Murray ficou expetante.

— O negócio não vai muito bem neste momento. — Encolheu os ombros, embora com algum cuidado para não perturbar o bebé nos braços. Murray registou mentalmente essa nota para poder voltar ao pormenor de quem tinha herdado o quê com a morte dos pais de Anna. Para já, queria examinar o postal.

Afastou os bocados que pertenciam ao postal dos pedaços do envelope e colocou-os de forma a poder reconstruí-lo. Reparou na imagem de parabéns na parte da frente do cartão postal; a cruel justaposição com a mensagem anónima no interior.

Suicídio? Pensa melhor.

— Tem alguma ideia de quem possa ter enviado isto?

Anna abanou negativamente a cabeça.

— Há muita gente a saber que vive naquela morada?

— Toda a vida vivi na mesma casa. Eastbourne é uma terra pequena. Não deve ser difícil descobrir. — Mudou com extrema perícia o bebé de um peito para o outro. Murray voltou a examinar o postal, até chegar à conclusão

que já seria seguro levantar a cabeça. — Depois do meu pai morrer, recebemos imensas cartas. Muitas cartas de condolências, muitas de pessoas que recordavam os carros que ele lhes vendeu ao longo dos anos. — O rosto de Anna tornou-se sombrio. — Outras não eram tão simpáticas.

— Como assim?

— Algumas pessoas enviaram cartas a dizer que o meu pai ia arder no inferno por ter tirado a própria vida; outras diziam apenas, «Boa viagem». Todas anónimas, claro.

— Isso deve ter sido extremamente perturbador, tanto para si como para a sua mãe.

Anna voltou a encolher os ombros, mas agora de forma pouco convincente.

— Chalupas. Pessoas chateadas por causa de carros avariados. — Ela percebeu a expressão no rosto de Murray. — O meu pai nunca vendeu um chaço. Às vezes era só algum defeito, nada mais. As pessoas querem arranjar alguém a quem deitar as culpas.

— Guarda essas cartas? Podíamos compará-las com esta. Ver se é de alguém que lhe guarda rancor.

— Foram direitinhas para o lixo. A minha mãe morreu seis meses depois e… — Olhou para Murray, o fio dos seus pensamentos foi abandonado em favor de algo mais premente. — Vim saber se podem reabrir a investigação relativamente à morte dos meus pais.

— Há mais alguma coisa que a faz suspeitar de que eles tenham sido assassinados?

— Que mais quer? — apontou para o postal que jazia em bocados entre ambos.

Provas, pensou Murray. Levou a chávena de chá à boca e tomou um gole para ganhar tempo. Se ele passasse isto agora para o inspetor Robinson, lá para o fim do dia seria arquivado. Por causa das investigações, os agentes da CID estavam com trabalho até ao pescoço; seria necessário mais do que um bilhete anónimo e uma sensação estranha para os obrigar a reabrir um caso arquivado.

— Por favor, Sr. Mackenzie, preciso de ter a certeza. — Todo o controlo que Anna Johnson demonstrara ter durante o tempo em que tinha estado a falar, começava a desmoronar-se. — Nunca acreditei que os meus pais se tivessem matado. Eles eram pessoas cheias de vida. Cheias de ambições. Tinham grandes planos para o negócio. — O bebé tinha acabado de comer. Anna apoiou-a sobre os seus joelhos, uma das mãos esticada sustendo-lhe o queixo, a outra afagando-lhe as costas em movimentos circulares.

— A sua mãe também lá trabalhava?

— Ela trabalhava na contabilidade e na receção.

— Era mesmo um negócio familiar. — Murray sentia-se confortado por saber que ainda existiam alguns negócios desse género.

Anna anuiu.

— Quando a minha mãe ficou grávida de mim, ela e o meu pai mudaram-se para Eastbourne, para ficar mais perto dos pais do meu pai. O meu avô não

andava muito bem e, pouco depois, o meu pai e o meu tio ficaram à frente do *stand*. A minha mãe também. — Já cansada, os olhos da bebé cambaleavam de um lado para o outro como os bêbedos nas celas numa noite de sábado —, e quando não estava a trabalhar, estava a arranjar dinheiro para a sua associação de proteção aos animais ou na rua a fazer campanha.

— Campanha a favor de quê?

Anna soltou uma breve gargalhada. Os olhos dela cintilaram.

— A favor de qualquer coisa. Da Amnistia Internacional, dos direitos das mulheres. Até dos serviços de autocarros — apesar de nunca ter apanhado um autocarro na vida. Quando se metia nalguma coisa, ela conseguia sempre provocar mudanças.

— Parece ser uma mulher maravilhosa — murmurou Murray.

— Uma vez, apareceu uma história nas notícias. Já há alguns anos. Eu estava em casa com os meus pais e a televisão estava a dar uma notícia. Um miúdo que conduzia uma mota e que caiu no penhasco de Beachy Head. Tinham conseguido recuperar a moto, mas o corpo não, e estavam a mostrar a mãe dele na televisão, a chorar porque não podia sequer dar-lhe um funeral em condições. — A bebé retorcia-se desconfortavelmente e Anna mudou-a de posição, deu-lhe umas palmadinhas nas costas. — Começámos a falar sobre aquilo. Lembro-me de ver a minha mãe a olhar para a televisão com as mãos sobre a boca e o meu pai furioso com o rapaz por ter feito os pais passarem por aquilo. — Interrompeu o discurso, fez uma pausa nas palmadinhas para olhar fixamente para Murray. — Disseram que o que aquele rapaz fez à mãe, nunca seriam capazes de mo fazer.

As lágrimas acumulavam-se nos cantos dos olhos de Anna, criando uma linha de água que escorria em fio pelo seu nariz fino até ao queixo. Murray ofereceu-lhe o lenço e ela aceitou-o com gratidão, levando-o ao rosto, apertando-o contra a pele, como se aquela força bruta por si só pudesse conter as lágrimas.

Murray estava sentado sem fazer o menor movimento. Havia tanto para dizer relativamente ao impacto que os atos de suicídio podem provocar, mas desconfiava que nada disso iria ajudar Anna. Interrogava-se se lhe teria sido oferecido algum apoio psicológico durante todos aqueles meses. — Os agentes que trataram da investigação da morte dos seus pais deviam ter-lhe dado uns folhetos informativos. Há associações de beneficência que apoiam as vítimas relativamente ao sentimento de perda provocado por suicídios. Há grupos onde se pode ir; pessoas que podemos consultar em modo privado.

Algumas pessoas encontram uma boia de salvação nessas experiências partilhadas. Elas conseguem recuperar-se através de sessões de terapia de grupo, tornando-se mais fortes e mais bem equipadas para lidar com as suas emoções. Um problema partilhado…

Mas os grupos de apoio ao suicídio não ajudam ninguém.

Não tinham ajudado Murray.

— Eu consultei um psicólogo especialista.

— Ajudou?

— Tive uma bebé com ele. — Anna Johnson soltou um meio soluço, meio gargalhada. Murray deu por si a rir-se também com ela.

— Bem, isso de facto parece ser de grande ajuda.

As lágrimas tinham abrandado. O sorriso de Anna ainda era ténue, mas firme.

— Por favor, Sr. Mackenzie. Os meus pais não se suicidaram. Foram assassinados. — ela apontou para o postal rasgado. — E isto é a prova.

Não era. Não provava nada.

Mas colocava uma pergunta. E Murray não era homem para ignorar uma pergunta sem resposta. Talvez ele pudesse dar uma vista de olhos ao caso. Procurar nos arquivos os processos originais, ler o relatório das conclusões do médico legista. E quando — se — houvesse alguma coisa para investigar, nessa altura poderia então passar a pasta. Afinal de contas, ele tinha as competências. Trinta anos na profissão e a maior parte deles no departamento de investigação criminal. Não é ao receber as insígnias que se adquire todo o conhecimento e experiência.

Olhou para Anna Johnson. Cansada, com as emoções à flor da pele, mas também determinada. Se Murray não a ajudasse, quem o poderia fazer? Ela não era do tipo que desiste facilmente.

— Eu vou requisitar o processo esta tarde.

Murray tinha as competências e tinha tempo. Montes de tempo.